

Manuscrito
M 453
DW - 16.9.69

P O M A I R E

SANTIAGO, junho (Pela Pa-
nair do Brasil) — E' para jun-
to do mar que voltamos outra
vez, em um fim de semana. E'
bela esta viagem entre duas
cordilheiras; há uma planura
imensa de terra preta em que
os grandes quadrados de ervi-
lhas, de milho, de abóbora são
divididos por fileiras solenes
de álamos, eucaliptos ou plá-
tanos altíssimos; aqui e ali há
um pasto com o preto e bran-
co das vacas holandesas, mais
além um silo, um monte de for-
ragem cor de fumo, a casinha
de um camponês. Mas há uma
praga horrível na paisagem
chilena: é o anúncio comercial.
No Brasil conhecemos bem ê-
sse crime de estragar paisagens
com anúncios; a nova moda de
tintas fosforescentes veio agr-
var essa lamentável estupidez.
No Chile, porém, há um pro-
duto que atingiu o auge do
máu gosto, que estampa seu
nome na mais humilde choupa-
na do campo e da montanha,
de norte a sul. Xingarei êsse
remédio, e conclamo quantos
me lerem a não o usarem ja-
mais, mesmo porque deve ser
uma boa droga (no pior senti-
do da expressão) um produto
que para se vender usa um
mau gosto contundente e oni-
presente. Chama-se "Aliviol"
o remédio ruim. Em segundo
lugar vem um outro que co-
nhecemos aí e que, não con-
tente de entupir tôdas as esta-
ções de rádio com um "slogan"
idiota, invadiu também o inter-
rior em sua furia mercantil:
"Mejoral".

Mas deixemos os industriais
e sua melancólica e infinita
ganância. Saimos da estrada
real, entramos por um humilde
caminho de terra entre árvo-
res; ao dobrar de uma colina
está a aldeia que procuramos
neste caminho do mar: é Po-
maire. Era uma povoação de
índios antes da conquista, e a
gente que veio depois deve se
ter misturado á gente antiga:
Pomaire vive hoje como vivia
há quinhentos anos, fazendo
coisas de barro. São coisas in-
gênuas e lindas, feitas a mão,
cozidas em um forno no fundo
do quintal familiar. Porque ê-
sse artesanato é todo familiar,
cada família parece ter uma
casa (entrei em muitas) e no
fundo da casa, antes da horta
e ás vezes da rocinha, há um
pomar grande com parreiras,
abacates, romãs, peras. E' em
alguma parte por ali que está
o forno primitivo aonde se le-
vam os vasos e as figuras da
boa terra escura que tem não
sei que reflexo verde. Demora-
mos ali, tomamos "chinha"
entre porco e marrêcos, con-
versamos com essas escultoras
primitivas, depois vamos visi-
tas a exposição feita na esco-
linha do lugar, onde se estão
vendendo as coisas de barro.
Pomaire é apenas uma rua.

Mas o dia era bonito e a "chi-
cha" era boa, e a cara more-
na daquela gente simples e
suas panelas, seus patos, suas
vaquinhas de barro, tudo tinha
um ar de família, de brinquedo
e de chão.

tabaco,

aleirias

RUBEM BRAGA

5.6.55

285